



Próxima Reunião: 23/03/2014 - Domingo às 16 h

12 ANOS DE ESCRAVIDÃO

(12 Years a Slave)

Direção de Steve MacQueen (*)

(*)Steve Rodney McQueen nasceu em Londres, Inglaterra, em 9/10/1969. É diretor, roteirista e produtor. Dirigiu muitas curtas metragens, desde 1993. Seu primeiro longa foi *Fome* (2008), depois realizou *Shame* (2011) e *12 Anos de Escravidão* (2013). Foi o primeiro negro a ganhar um Oscar de melhor filme.

RISO AMARGO - OS FILHOS DO PADRE

Pode ser significativo lembrar que o mar Adriático onde se dá a trama de *Os Filhos do Padre* separa a Croácia da Itália. O diretor croata Vinko Bresan parece ter buscado a melhor comédia de seus vizinhos como inspiração. Não a escola cômica de costumes, de riso mais solto, embora esta também compareça. Mas sim a ácida, corrosiva, à maneira de Pietro Germi e Mario Monicelli. Bastava a eles um pequeno reduto, uma família ou um casal, para dar conta de toda uma sociedade. Bresan faz o mesmo e alcançou tamanha repercussão em seu país que desbancou os sucessos americanos e teve os direitos comprados para uma refilmagem com a possível presença de Sacha Baron Cohen.

A Igreja e o catolicismo exacerbado *versus* a liberdade de valores, temas por excelência do humor italiano, estão no centro da discussão. Numa ilha da bela costa da Dalmácia, um jovem padre recém-chegado (Kresimir Mikic) se dá conta da baixa natalidade local devido ao uso de preservativos. A fim de assegurar a continuidade do vilarejo, decide furar as camisinhas à venda. O efeito entre os casais sai do controle, mas não será mais que um recurso tragicômico, em



outra saída à italiana, para dar conta do que é caro falar, como a pedofilia praticada por sacerdotes, o pressuposto sagrado da confissão, a arrogância do poder religioso. Com essa mudança de tom, o diretor contemplou o debate sobre a educação sexual no país, sob o rigor católico, sem deixar de afirmar que a reflexão pode conter o riso, a exemplo do que ensinavam os mestres.

Orlando Margarido

O autor é amigo do Grupo Cinema Paradiso e crítico da Revista *Carta Capital*. O presente texto foi gentilmente cedido por ele e publicado na edição nº 791 – ano XX – 19/03/2014, página 71.

3ª Mostra Ecofalante de Cinema Ambiental



Essa mostra é parte da realização da ONG Ecofalante, criada em 2003, por um grupo de educadores, comunicadores, cineastas e profissionais de diversas áreas. A Ecofalante surgiu para refletir sobre questões culturais e socioambientais, com intuito de divulgar descobertas tecnológicas que estejam voltadas para o desenvolvimento sustentável, preservação e recuperação do meio ambiente. Em 2012, teve início a primeira Mostra de Cinema Ambiental promovida pela ONG (com apoio e patrocínio de várias instituições). Os filmes escolhidos são resultado de uma seleção que soma qualidade cinematográfica com boas discussões sobre o tema do meio-ambiente.

Nesta terceira edição da mostra, serão exibidos 60 filmes entre os dias 20 e 27 de março, sempre com entrada gratuita. No Cine Livraria

Cultura serão exibidos os filmes da Mostra Contemporânea, dividida por temas: "Campo", "Cidades", "Economia", "Energia" e "Povos e Lugares". Estarão presentes muitos diretores que participarão de debates, em seguida aos filmes. No Reserva Cultural, acontece a Competição Latino Americana. No MIS, acontece o Panorama Histórico (com filmes e a presença de Washington Novaes) e as "sessões escola. Haverá uma homenagem especial ao cineasta Kaneto Shindô (1912-2012). Aliás, a presença do cinema japonês será forte nesta mostra e o seu conjunto será exibido no Centro Cultural São Paulo (que está próximo do bairro da Liberdade). A mostra estará presente também nas salas do Cine Olido, Cinusp Maria Antônia e Matilha Cultural. Várias universidades já estão envolvidas desde o dia 14/03, no Circuito Universitário.

No dia 22/03, Dia Mundial da Água, serão exibidos dois filmes, às 19 h, no Largo da Batata: *A Marca D'água* e *Paulicéia Canta Tye-tê*. Conheça mais da programação no site:

<http://mostraecofalante.wordpress.com>

Cláudia Mogadouro

VIDAS AO VENTO



Não há como negar: um dos mais antigos sonhos do ser humano é voar. O cinema sempre tentou realizar esse sonho, seja em forma de fantasia, como em **E.T. – O Extraterrestre** (1982, de Steven Spielberg) em que o garoto Elliott voa em sua bicicleta; seja em sagas dramáticas como em **Os Eleitos** (*The Right Stuff*, 1983, de Philip Kaufman), em que pilotos veteranos são treinados para serem os primeiros astronautas a chegar na Lua. Apesar dos esforços, todos sabem que **Voar É com os Pássaros** (*Brewster McCloud*, 1970, de Robert Altman).

Voar também é uma das obsessões do diretor japonês de cinema de animação Hayao Miyazaki. Em todos os seus filmes sempre há uma personagem voando. Pode ser num mundo totalmente distinto, como em **Nausicaa – A Princesa do Vale dos Ventos** (1984); uma personagem que habita secretamente o nosso mundo, como **Meu Amigo Totoro** (1988), ou pode ser o contrário, quando um ser humano invade um universo paralelo como em **A Viagem de Chihiro** (2001).

De todos os seus filmes, **Vidas ao Vento** é o mais realista, por ser parcialmente baseado em personagens e fatos reais. É o que mais poderia ser filmado com atores. Imagino o que um diretor como Terry Gilliam (de **Brazil: o Filme** e **O Mundo Imaginário do Doutor Parnassus**) faria com esse roteiro.

Metade de **Vidas ao Vento** é baseada na vida de Jirô Horikoshi (22/06/1903 – 11/01/1982), engenheiro e projetista de aviões. O avião japonês mais famoso da história foi criado por ele, o Mitsubishi A6M Zero ou, simplesmente, Zero. Em 1940, era um avião imbatível. Por sua agilidade, velocidade, poder de fogo e capacidade de voar mais longe, foi utilizado pela Aeronáutica Imperial Japonesa no ataque a Pearl Harbour.

A outra metade do filme é adaptada de uma novela escrita por Hori Tatsuo em 1937. O livro se chama **Kaze Tachinu**, título que Miyazaki tomou emprestado para o seu filme. *Kaze tachinu* é tradução de Tatsuo para “Le vent se lève”, ou “O vento se eleva”. É o primeiro verso da 24ª e última estrofe do poema “O Cemitério Marinho”, de Paul Valéry. O verso todo é citado diversas vezes durante o filme: “Le vent se lève!... Il faut tenter de vivre!”

Mas isso é história, vamos voltar ao filme. A estória, concentrada na década de 1930, é narrada de forma convencional, seguindo a ordem cronológica, o que é normal nos filmes de Miyazaki. Podemos perceber três atos distintos. O primeiro mostra a infância, a formação acadêmica e os primeiros projetos profissionais de Jirô. Frequentemente, ele sonha com um projetista italiano de aviões, o conde Caproni. Jirô o admira, embora nunca tenham se encontrado. Nos sonhos, o italiano conversa em japonês e dá conselhos ao “jovem

japonês”. Não por acaso, há referências a outro mestre italiano, Federico Fellini: cenas oníricas, grandes naves, pessoas ruidosas, mulheres “volumosas” e famílias numerosas. As cenas de sonhos são as que mais se aproximam dos filmes anteriores de Miyazaki, pois cria um mundo de fantasia onde quebra as regras do mundo físico. Mesmo assim, Caproni avisa: “É um sonho, mas você ainda pode perder a sua cabeça”.

Pouco sabemos sobre a família de Jirô. A mãe aparece rapidamente em apenas uma cena. Jirô menciona um irmão maior. O pai é citado pela irmã, Kayo, que é a única ligação de Jirô com a família.

O segundo ato se passa em um hotel localizado em meio a “montanhas mágicas”, como diz um dos hóspedes. Esse ato começa sem muitas explicações, a estória de Jirô é interrompida abruptamente. É verão, o clima é agradável e Jirô parece estar de férias, o que pode ser inverossímil para a sua personalidade *workaholic*. É nesse lugar cercado de paisagens verdejantes que Jirô reencontra Naoko, uma menina que ele ajudou durante um terremoto em Tóquio, há alguns anos. Obviamente, ela já não é mais uma menina e surge um interesse romântico entre eles. Mas Naoko não está passando férias no hotel, ela está se tratando de tuberculose. Esse segundo ato é adaptado do livro de Tatsuo, que narra o dia a dia de uma mulher tísica. Hori Tatsuo também sofria de tuberculose e passou muito tempo de sua vida em sanatórios.

No primeiro ato, o vento tem importância física. É o vento que mantém os aviões suspensos no ar. Já no segundo ato, o vento passa a ter outra função: flecha de Cupido. Os encontros de Jirô e Naoko acontecem com a providencial ajuda do vento. No trem para Tóquio, é o vento que faz o chapéu de Jiro voar para as mãos de Naoko. No hotel, é o vento que faz o guarda-sol dela voar em direção a ele.

O terceiro ato une os dois atos anteriores. Jirô volta a Tóquio para continuar seu trabalho. Naoko está motivada para continuar seu tratamento para poder se casar com Jirô. Agora, há um vento sinistro soprando do ocidente, o vento da guerra. E no final, o vento se transforma em um mensageiro espiritual que só Jirô percebe.

Vidas ao Vento é uma animação para adultos, não é indicada para crianças. O filme trata de temas relativamente complexos. Há cenas que mostram desigualdade social, repressão policial, a personagem principal fuma muito, mesmo na presença da amada que sofre de doença pulmonar. A distribuidora Califórnia Filmes fez bem ao lançar o filme em cópias faladas em japonês com legendadas em português. Por outro lado, alguns exibidores com ideias preconcebidas, ainda acreditam que animação é para crianças e reservaram apenas o horário da tarde para o filme.

Em 2014, **Vidas ao Vento** concorreu ao Oscar de melhor longa-metragem de animação. Curiosamente, o primeiro filme a ganhar o Oscar foi um filme mudo chamado **Asas** (*Wings*, 1927, de William A. Wellman), sobre pilotos durante a Primeira Guerra Mundial.

Para quem tem bom ouvido, notem que vários efeitos sonoros são feitos por pessoas. Por exemplo, lábios vibrando reproduzem o som de motores.

Hayao Miyazaki anunciou que **Vidas ao Vento** será seu último trabalho de animação, mas ele já fez a mesma declaração em outras ocasiões. Tomara que ele não cumpra essa promessa... de novo!

Hirao

COTAÇÃO 2014

O Menino e o Mundo.....	9,50
Ela.....	9,13
A Grande Beleza.....	8,93
Pais e Filhos.....	8,52
Inside Llewin Davis - Balada de um homem comum.....	7,76

Edição / Diagramação:

Cláudia Mogadouro / Janete Felix Palma / Marcos Paulino
E-mail: janetepalma@gmail.com

FUNDO FINANCEIRO DO GRUPO CINEMA PARADISO

A doação voluntária, para as despesas anuais pode ser feita em qualquer valor, mas pedimos que, ao depositar, nos avise no e-mail: estherstiel12@gmail.com A conta de poupança é:
Banco: Caixa (104), ag. 0239, op. 013, nº da conta 8247-5